

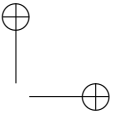
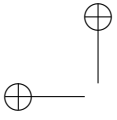
DEUS EM DARWIN
Uma Perspectiva



Artur Morão

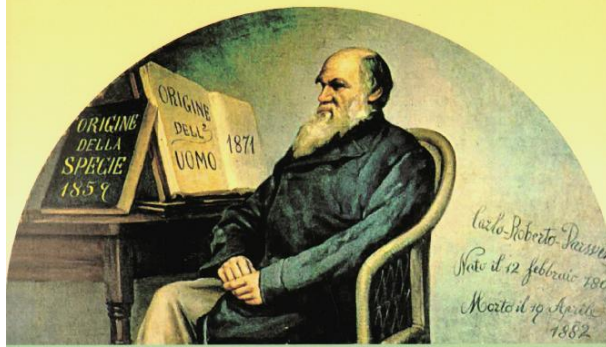
2011

www.lusosofia.net



Ainda Darwin
Evolução, Ética e Direitos Humanos

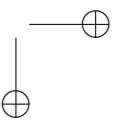
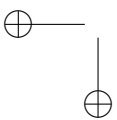
Actas de Colóquio



Coordenação de Cassiano Reimão



Universidade Lusíada Editora





LUSOSofia:press

Covilhã, 2011

FICHA TÉCNICA

Título: *Deus em Darwin. Uma perspectiva*

Autor: Artur Morão

Colecção: Artigos LUSOSOFIA

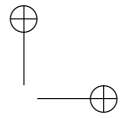
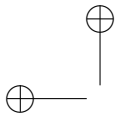
Direcção: José Rosa & Artur Morão

Design da Capa: António Rodrigues Tomé

Composição & Paginação: José M. S. Rosa

Universidade da Beira Interior

Covilhã, 2011

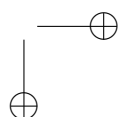
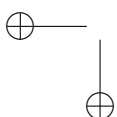


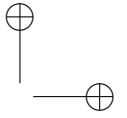
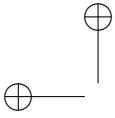
Agradecimento

Agradece-se ao Professor Doutor Cassiano Reimão e à Universidade Lusíada a autorização para incluir no electro-sítio LusoSofia este pequeno artigo, gizado para o colóquio *Ainda Darwin – evolução, ética e direitos humanos*, realizado a 5 de Março 2010 naquela instituição para comemorar os 200 anos do nascimento de Charles Darwin e os 150 anos da publicação de "A Origem das Espécies", ocorridos em 2009. Os trabalhos do encontro apareceram posteriormente em livro com título idêntico na Editora Universidade Lusíada, 2011.

Além do presente ensaio, o volume inclui ainda: Michel Renaud, *Criacionismo e evolução – um falso dilema*; Joaquim Carreira das Neves, *Darwin – Ciência e Fé*; Cassiano Reimão, *Darwin e Teilhard de Chardin: a evolução, Deus e o Homem*; Alfredo Dinis, *Tentações e equívocos da Ética Evolucionista*; Miguel J. Pupo Correia, "Em busca de uma ética universal: novo olhar sobre a lei natural". *Uma leitura do documento da Comissão Teológica Internacional sobre o direito natural*; Teresa Coelho, *O parâmetro global dos direitos humanos no séc. XXI*; Ana Sofia Gomes, *Síntese conclusiva*.

Artur Morão
José Maria da Silva Rosa





Deus em Darwin. Uma perspectiva

Artur Morão

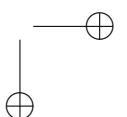
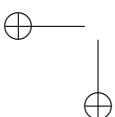
Índice

1. Usos e abusos da teoria darwiniana

Se Charles Darwin vivesse hoje, seria, provavelmente, o primeiro a admirar-se do que se faz com o seu nome ou com a sua obra; não no plano científico – onde já figura no empíreo das estrelas fixas –, mas nas consequências que dela se tiram para a construção de uma imagem total do mundo, de uma concepção ‘metafísica’ da realidade cósmica e histórica no seu todo ou, em especial, para a avaliação da essência e função da religião, sobretudo da fé cristã.

Talvez lhe fosse difícil compreender as posições radicais e antagónicas que a sua teoria biológica inspira; de um lado, a recusa violenta e irreconciliável da evolução e da antropogénese que parte de uma leitura literalista da Bíblia e é fomentada sobretudo por certos grupos evangélicos conservadores e “criacionistas”, desde o famoso processo de Scopes em 1925¹, no Estados Unidos, até aos

¹ O decurso, as circunstâncias e os pormenores do processo podem pesquisar-se no electro-sítio seguinte: [Famous Trials in American History](#).

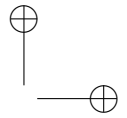
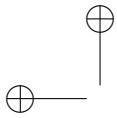


seus ecos, algo atenuados e decerto mais sofisticados, em certos representantes actuais do chamado “Desígnio inteligente” (ID); do outro lado, as conclusões exorbitantes e abusivas em prol de um ateísmo virulento e militante, que hoje é proposto e propalado por corifeus mediáticos como Richard Dawkins, Daniel Dennett, Sam Harris e Christopher Hitchens. Além, uma lei do Tennessee proibia que se ensinasse nas escolas a doutrina de que “o homem descende de uma ordem inferior dos animais” e, no julgamento, o político William Jennings Bryan defendia que a evolução era uma ameaça à religião; aqui, vê-se na doutrina evolucionista a base sustentadora da rejeição de qualquer forma de religião e a oportunidade de se “ser um ateu intelectualmente realizado”; assim pensa e tenta explicar Richard Dawkins no seu livro *O relojoeiro cego*².

Atónito e assombrado ficaria, decerto, Darwin, perante tal espectáculo que, acima de tudo, é teatro de paixões irracionais, indiciadoras – em ambos os lados – de graves falhas filosóficas e de abissais insuficiências hermenêuticas. Homem íntegro, irénico, retirado do barulho da vida social, que não apreciava grandemente a praça pública, casado com uma mulher profundamente religiosa, Emma Wedgwood, e que educou os seus filhos na fé anglicana tradicional; admirador, ademais, da obra civilizadora desenvolvida em certas zonas do Pacífico pelos missionários que, segundo ele, registaram no corpo do mundo “a marcha do progresso, conseqüente à introdução do cristianismo”; homem complexo, de sentimento afável, frequentemente acolitado pela doença e pela fragilidade física, lúcido perante si próprio e atento à sua própria evolução espiritual que desaguou, por confissão própria, num agnosticismo sereno – nunca alinhou em qualquer campanha anti-religiosa.

Como o próprio Darwin afirma, uma e outra vez, na sua *Au-*

² Richard DAWKINS, *O relojoeiro cego*, trad. Isabel Arez. Lisboa, Ed. 70, 1988.

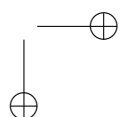
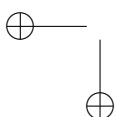


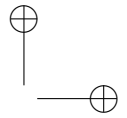
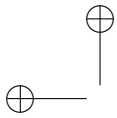
*tobiografia*³, a sua vida foi inteiramente dedicada à ciência – nele obsessiva e saudável monomania –, à observação dos animais, das plantas, à paciente e incansável recolha de dados e à subsequente teorização dos seus resultados, na estrita obediência à probidade científica e na disposição incessante de alijar as hipóteses que se não harmonizavam com os factos. Não tinha vocação nem bossa de filósofo e, menos ainda, de teólogo ou antiteólogo; e assistiu, algo perplexo, mas sempre sereno, ao debate aceso e às ressonâncias contrastadas que a sua doutrina, pela novidade, suscitou no contexto da cultura inglesa vitoriana. O clero anglicano⁴ em cujo seio contava vários amigos, dividiu-se em duas facções, uma conservadora, de longe a mais numerosa, que se opôs rotundamente às implicações da evolução, sobretudo no tocante à natureza e posição do homem no esquema geral dos seres; outra, de índole mais liberal, que começou a explorar o ensejo para uma reinterpretação da doutrina cristã da criação, agora numa perspectiva dinâmica, já não essencialista ou estática em que as próprias coisas, de certo modo, se fazem a si próprias. Sem dúvida, também as forças secularistas e os representantes de um ateísmo, cada vez mais acirrado, aproveitaram a deixa para instrumentalizar a teoria da evolução a favor da sua opção metafísica. Mas há historiadores que, na contenda acerca da evolução sob a aparência de um conflito entre ciência e religião, viram algo de oculto e inconfessado: uma luta social pela conquista da Universidade, até então dominada pela instituição clerical.

Para Darwin, no entanto, não parecia haver forçosamente um antagonismo entre fé cristã e evolução. Diz ele, a propósito do seu amigo e botânico americano, homem de profunda religiosidade, Asa Gray: “Afigura-se-me absurdo duvidar de que um homem

³ Esta obra encontra-se disponível no excepcional electro-sítio, dedicado aos seus escritos: [The Complete Work of Charles Darwin Online](#).

⁴ Cf. na Internet um relatório claro e bem documentado, com boa bibliografia e com indicações preciosas para uma exploração pessoal deveras ilustrativa: [Reaction to Darwin's Theory](#).





possa ser um teísta ardente e um evolucionista⁵.” Por isso, tanto aos que na teoria da evolução vêem um inimigo da fé cristã como aos que nela divisam a legitimação definitiva do ateísmo enquanto hermenêutica exclusiva da evolução cósmica e da vida nada mais resta do que o emaranhado inconsistente das suas opções pessoais nada translúcidas, de medos e ansiedades injustificadas nuns, de sobrançeria e elefantíase intelectual noutros.

Darwin nunca optou por tais sendas; foi-lhe absolutamente estranho o trejeito “fanático” quer dos “criacionistas” que, pelo culto idolátrico da letra da Bíblia, desprezam a profundidade secreta da natureza enquanto processo que as ciências tentam descortinar, quer dos ateus dogmáticos e filosoficamente jejuns que, da “evolução” complexa da vida e dos organismos, pretendem fazer uma ideologia, santo-e-senha para tudo. Atravessou, isso sim, um decurso íntimo de esmaecimento gradual da fé bebida no seu meio social e eclesial, nunca muito convicta e, por isso, também sem grandes dramas interiores. Diz ele numa carta a Francis Galton: “Abandonei a crença religiosa de uma forma quase independente das minhas próprias reflexões⁶.”

2. O testemunho de Darwin

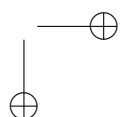
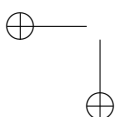
Reveste, pois, importância particular o que o grande cientista diz acerca de si na sua *Autobiografia*⁷.

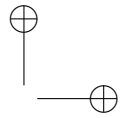
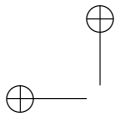
Antes de se propor a sua atitude perante a fé cristã, há aspectos, algo marginais, que importa mencionar. O primeiro é a constelação de personalidades de toda a ordem – cientistas, clérigos, escritores

⁵ Cf. Letter 12041 — Darwin, C. R. to Fordyce, John, 7 May 1879.

⁶ Citado in A. N. WILSON, *God's Funeral*, N.Y./London, W. W. Norton & Company, 1999, p. 184.

⁷ Edição utilizada: *The Autobiography of Charles Darwin*, Londres, Collins, 1958.



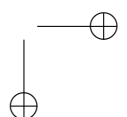
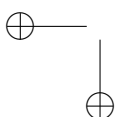


– que lhe servem de interlocutores, directos ou indirectos, mas que, à sua maneira, serviram de catalisadores ou de fontes de estímulos, desafios e sugestões para o diálogo cultural e científico em que Darwin se viu imerso e intrometido. Nomeiem-se, entre outros, Charles Lyell, Charles Babbage, Richard Owen, John Stevens Henslow, Alfred R. Wallace, Herbert Spencer, William Whewell, William Buckland, Adam Sedgwick, Thomas Carlyle, Alexander von Humboldt, Thomas Huxley, etc. Aliás, esta circunstância quase parece ilustrar uma regra do que se poderia chamar de ‘ecologia intelectual’; John H. Newman, num dos seus escritos sobre a instituição universitária, dá a essa circulação informal de ideias, de questões, de debates e altercações, o nome de “universidade virtual” e atribui-lhe uma eficácia determinante. Um grande criador, seja qual for o seu campo, nunca aparece isolado, cortado de todos os vínculos ou influências, fora das tradições de pensamento e reflexão, mas sempre rodeado de uma plêiade de inteligências que procuram interpretar, encarnar e responder, em concerto ou em desavença, às questões candentes da vida intelectual. A multiplicação dos contactos, a experiência das oposições, das críticas, das resistências ou rivalidades e o encontro, casual ou não, com outras pessoas podem decidir um destino. O autor da *Origem das espécies* não foi excepção.

O segundo aspecto remete para a atitude de Darwin perante a literatura, a poesia e as artes. Depois de evocar, a propósito da sua juventude, o exercício da caça, dos passeios, da observação das aves, da colecção de escaravelhos, rememora também o prazer que sentia na leitura dos poetas Milton, Byron, Wordsworth, Coleridge, Shelley e Shakespeare, e o gosto pela pintura, pelo romance e pela música, com idas frequentes à King’s College Chapel, embora não tivesse ouvido musical⁸. Mas, no final da sua vida, lamenta ter perdido esse prazer⁹. E, não sem melancolia, conclui:

⁸ *Autobiography*, pp. 60-61, 138.

⁹ *Ibid.*, p. 44.



“A minha mente parece ter-se tornado uma espécie de máquina para moer leis gerais a partir de vastas colecções de factos, mas não consigo perceber porque é que isto deveria ter causado a atrofia apenas daquela parte do cérebro.”. E ainda: “. . . Se tivesse de viver novamente a minha vida, teria estabelecido uma regra para ler alguma poesia e ouvir alguma música, pelo menos, uma vez por semana; talvez as partes do meu cérebro, agora atrofiadas, poderiam assim ter-se mantido activas devido ao uso. A perda destes gostos é uma perda da felicidade, e possivelmente prejudicará o intelecto, e de modo mais provável ainda o carácter moral, ao enfraquecer a parte emocional da nossa natureza¹⁰.”

Darwin reconheceu e deplorou esse enfraquecimento do interesse pela arte e pela poesia, embora não ofereça uma explicação cabal de semelhante processo, a não ser talvez a anotação de que o gosto pela ciência se foi impondo sobre todos os outros interesses, juntamente com o prazer da observação e do raciocínio¹¹. – “O trabalho científico foi a minha principal alegria e única ocupação, durante a vida; e a excitação, derivada de tal ocupação, faz-me esquecer por algum tempo, ou afasta-me, do incómodo quotidiano¹².”

De certo modo, o desenrolar da sua atitude perante a religião, ou melhor, a fé cristã em que foi iniciado, fez-se ao longo de um percurso idêntico e paralelo. Foi um trajecto nada convulsivo ou atormentado, sem noite escura e sem qualquer euforia ou “pathos” perante o projecto de um “homem novo”, criado pela revolução política ou técnica, um definhar quase imperceptível das crenças antes alimentadas, até à constatação do estado de agnosticismo em que, por fim, Darwin se viu mergulhado. E, tanto quanto se pode inferir dos seus escritos, não foi por força da ciência ou do panorama inédito e avassalador por ela rasgado; quando muito, ela apenas ampliou, intensificou e robusteceu uma outra visão espiri-

¹⁰ *Ibid.*, p. 139.

¹¹ *Ibid.*, pp. 78-79.

¹² *Ibid.*, p. 115.

tual, feita de incerteza, de perplexidade fundamental, que, ao longo dos anos, sobretudo após a viagem no Beagle, se foi instalando no seu espírito, até elidir por completo o horizonte da fé e a certeza da existência de um Criador benévolo e providente.

A *Autobiografia* apresenta alguns dados interessantes a este respeito. Como Charles não gostava de medicina, o pai Robert propôs-lhe estudar para ser clérigo; aceitou, não obstante a sua renitência em acatar todos os dogmas da Igreja de Inglaterra, e estudou teologia em Cambridge (1828-1831). Chegou mesmo a dizer que não lhe desagradava de todo a ideia de vir a ser um clérigo rural, e que na altura acreditava na verdade literal da Bíblia; apreciou a leitura das obras de William Paley, *Evidences of Christianity* e *Moral Philosophy*, e não sentiu então dificuldades com as premissas deste autor que, no mundo religioso anglo-saxónico, é um clássico da “teologia natural” e o defensor de um “desígnio divino” que abarca todos os eventos do universo¹³.

Mas o encontro com John Stevens Henslow, clérigo, professor de botânica e seu amigo, de quem Darwin diz que era profundamente religioso e ortodoxo, além de um homem de grande qualidade moral e afabilidade, arrancou-o do seu modesto sonho de pastor anglicano na província e determinou a sua futura carreira de cientista. Foi, de facto, por sua instigação que Charles embarcou na aventura do Beagle (Dez. 1831-Out. 1836) – ‘o acontecimento mais importante da sua vida’ – como naturalista e sem salário¹⁴.

Após o regresso desse périplo, tão famoso na história da ciência, começou a delinear a *Origem das espécies* em 1837. E, doravante, outras seriam também as constelações do seu universo espiritual. Respigando na *Autobiografia*, deparamos ainda com os dados seguintes¹⁵:

- Darwin refere o seu afastamento progressivo da fé cristã; em

¹³ *Ibid.*, pp. 56-59.

¹⁴ *Ibid.*, pp. 60-76.

¹⁵ *Ibid.*, pp. 85-94.

vez dos milagres, ‘base do cristianismo’, que ‘não é revelação divina’, cresceu nele a convicção das “leis imutáveis da natureza”.

- Sentiu alguma resistência em abandonar a fé... mas a descrença insinuou-se cada vez mais, até ser completa; e isso sem angústia, sem concussões excessivas. De facto, afirma: “O sentimento religioso nunca foi em mim muito forte e desenvolvido”.

- Afigurou-se-lhe impossível aceitar a condenação eterna de entes queridos (pai, irmão, amigos, etc.)

- Depois da descoberta da selecção natural, perdeu validade aos seus olhos o “argumento do desígnio” de William Paley, porque “tudo na natureza é o resultado de leis fixas.”

- Tornou-se-lhe intolerável a imagem de um ‘Deus benevolente’, que no mundo da vida permite tanta violência e tanto sofrimento.

- Asseriu que, a partir da sensibilidade espiritual e emocional dos homens, tão diferentes, também se não comprova a existência de Deus. Esse sentimento não difere do sentido de sublimidade, que não é um argumento em prol de existência de Deus, antes se compara à emoção desencadeada pela música.

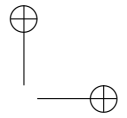
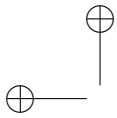
- Em compensação, há um argumento mais racional, que vai da imensidão e da beleza do universo para uma Causa primeira, contra o acaso cego e a necessidade. – “Talvez eu seja um teísta [na altura da redacção da *Origem*]. . . mas essa convicção tornou-se, com as flutuações, cada vez mais fraca”¹⁶. – “O mistério do começo de todas as coisas é insolúvel para nós; e, por isso, devo contentar-me com permanecer um agnóstico”¹⁷.”

É ainda possível aduzir outros matizes e pormenores sobre este tema, que se encontram na vastíssima correspondência de Darwin¹⁸. Alguns exemplos:

¹⁶ *Ibid.*, p. 93.

¹⁷ *Ibid.*, p. 94.

¹⁸ Está em curso a sua publicação por ordem cronológica: *The correspondence of Charles Darwin* (F. Burkhardt, *et al.* eds, Cambridge University Press 1985 ss). A edição completa contará cerca de trinta volumes. Escusado



Numa carta a J. Brodie Innes de 27 de Novembro 1878, diz: “Só com dificuldade consigo ver como é que religião e ciência se podem considerar tão distintas como deseja [Eduard Pusey]. Mas admito inteiramente que não há razão alguma por que os discípulos de ambas as escolas tenham de se atacar uns aos outros com tal azedume.”

E, dirigindo-se a John Fordyce, numa carta de 7 Maio 1879, esclarecia: “Nas minhas flutuações mais extremas, nunca fui um ateu, no sentido de negar a existência de um Deus.” E acrescentava ainda: “Penso que em geral (e à medida que envelheço), mas não sempre, que ‘agnóstico’ seria a descrição mais correcta do meu estado mental”.

A Frederick McDermott declarava numa carta de 24 de Novembro 1880: “Lamento informá-lo de que não acredito na Bíblia como revelação divina e, por conseguinte, em Jesus Cristo como Filho de Deus.”

E, numa conversa com o ateu Edward Aveling, em 1881, pergunta: “Porque haveis de ser tão agressivo? Que é que se ganha com inculcar à força estas novas ideias na massa da humanidade¹⁹?”

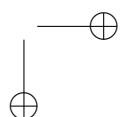
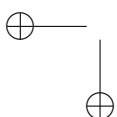
E, algo resignado, comunicava a Joseph Hooker numa carta de 12 de Julho 1870: “A minha teologia não passa de uma mixórdia: não consigo olhar para o Universo como resultado do acaso cego; todavia, não vislumbro prova alguma de um Desígnio benevolente.”

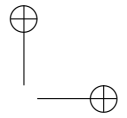
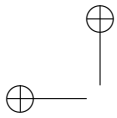
Por último, repisa uma ideia análoga na carta endereçada a Francis Abbot de 6 de Setembro 1871: “Jamais consigo decidir até que ponto uma convicção íntima de que deve existir algum Criador ou Causa Primeira é deveras uma prova fidedigna.”

Tal é, segundo o seu próprio testemunho, o ponto de chegada de Darwin: um agnosticismo calmo, em parte contemplativo, frente ao ingente drama cósmico, dominado pelo mecanismo implacável

será referir o seu interesse para a ciência da época, bem como para o conhecimento de muitos aspectos da sociedade vitoriana.

¹⁹ Edward AVELING, *The religious views of Charles Darwin*, 1883.





da selecção natural; é um agnosticismo nimbado de melancolia perante o espectáculo da violência da vida, em que “o objecto mais elevado que somos capazes de conceber, ou seja, a produção dos animais superiores, resulta directamente da guerra da natureza, da fome e da morte²⁰”.

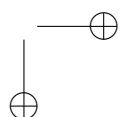
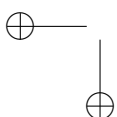
Mesmo no fim da sua obra capital, e apesar da sua postura agnóstica, o grande biólogo, contra os que defendiam – de acordo com a tradicional e milenária concepção fixista da vida – uma criação especial para cada nova espécie, abre (involuntariamente e sem a explorar) uma brecha para um possível e diverso enquadramento teológico da realidade física e biológica no seu todo: “Na minha opinião, conjuga-se melhor com o que sabemos das leis impressas na matéria pelo Criador, que a produção e a extinção dos habitantes, passados e presentes, do mundo seriam devidas a causas secundárias, como as que determinam o nascimento e a morte do indivíduo. Quando contemplo todos os seres, não como criações especiais, mas como os descendentes lineares de uns quantos seres que viveram muito antes de se ter estabelecido o primeiro estrato do sistema silúrico, parecem-me ter sido enobrecidos²¹.” E, em exergo, já na abertura da obra, propunha esta citação do polímato, filósofo e historiador da ciência, William Whewell: “Em relação ao mundo material, podemos, pelo menos, chegar aqui – conseguimos vislumbrar que os acontecimentos não são suscitados por interposições isoladas do Poder divino, exercidas em cada caso, mas pelo estabelecimento de leis gerais²².”

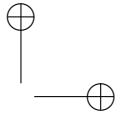
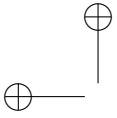
O enobrecimento das “causas segundas” – eis, no fundo, um outro significado da evolução, por cujos mecanismos recônditos, e à luz da concepção darwiniana, as coisas se inventam, se transmutam, se acrescentam, se disputam e lutam entre si, segundo a

²⁰ *On the origin of species*, London, John Murray 1859, p. 490 (o fac-simile desta edição está disponível na Internet).

²¹ *Ibid.*, pp. 488-9.

²² *Ibid.*, p. II.

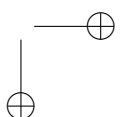
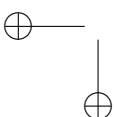


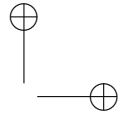
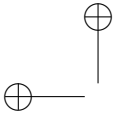


metáfora da “guerra da natureza”, se “arranjam” e desembaraçam o melhor que podem, aparentemente sem plano, sem desígnio, sem projecto, de modo imprevisto e incalculável. Tal visão redobrou as “flutuações” interiores de Darwin que, na captação simultânea da ordem e da desordem no palco cósmico e na refrega dos seres vivos, se ateuve, por isso mesmo, ao seu agnosticismo. Mas este, como ele próprio afirmou, fora-se insinuando, independentemente dos resultados da ciência e, por isso, se Charles tinha razão em recusar uma série ilimitada de “interposições isoladas do Poder divino”, que pressupunham a quase inanidade das criaturas, foi todavia impedido, pelos seus apriorismos filosóficos e epocais, de conceber uma acção mais vasta e misteriosa do Criador, na qual todos os seres ‘entram’ de alguma forma como colaboradores, e até co-criadores, num universo “aberto”, indeterminado e indeterminável em todos os seus processos; não só ‘aberto’, inconcluso, mas também – como agora vislumbramos – ainda mais enigmático.

Perante este ‘cosmos aberto’, grávido de possibilidades, imprevisível nos seus efeitos, impenetrável na sua urdidura dinâmica e sempre inédita, feito de lei e caos, em que todas as coisas conspiram, desponta em nós outro agnosticismo, mais amplo e matizado, mas que se não identifica inteiramente com o do insigne cientista nem inspira forçosamente uma perspectiva pessimista; e também já não diz respeito, para alguns, apenas à existência do Criador mas, para todos, ao próprio mundo em si. Darwin, homem do fim da modernidade, rendido à ciência, acreditava ainda na plena legalidade cognoscível da natureza, nas suas leis fixas, determinantes e implacáveis. Mas essa confiança atenuou-se para nós. Diz e aconselha Edgar Morin:

“(…) apprendre à affronter l’incertitude. La cosmologie nous montre que l’aventure du cosmos n’est pas écrite d’avance; la paléobiologie, ainsi que l’histoire des empires nous enseigne qu’il y a eu des destructions massives dans les espèces vivantes. Le déterminisme s’est effondré et toute l’aventure du cosmos et l’aventure de l’humanité





doit être conçue comme un affrontement avec l'incertitude. C'est à cela qu'il faut préparer les esprits. A la fin de notre siècle, deux grandes conceptions du monde ont disparu: celle des civilisations traditionnelles comme les Aztèques ou les Egyptiens qui croyaient en un temps cyclique et en un recommencement permanent du monde; celle du XIX^e siècle, où l'on s'est mis à penser que le monde avait un sens: celui de la marche du progrès comme loi inéluctable.

Aujourd'hui, nous ne pouvons pas dire si le progrès continuera, nous sommes affrontés à l'incertitude et cela doit être une des finalités de l'éducation que de préparer les individus à s'attendre à l'inattendu. Ce message était déjà celui des Bacchantes d'Euripide, il y a 2500 ans!"²³

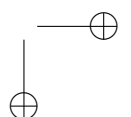
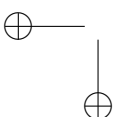
3. Breve conclusão

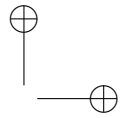
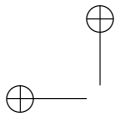
Como entender, então, o agnosticismo de Darwin? Possivelmente, não se deve apenas a factores de ordem pessoal, decerto presentes e instigados por experiências dolorosas, por exemplo a morte da filha Anne Elizabeth, para a qual já não encontrou arrimo na fé cristã, entretanto enfraquecida. Nele reboam também ecos do "espírito do tempo", do abismo espiritual do "longo" século XIX – uma das centúrias mais impenetráveis da história europeia – que, em rigor, se inicia com a Revolução Francesa e termina na hecatombe da Primeira Guerra mundial, e que achou a sua expressão na literatura, nas artes, na música, na filosofia, em nítido contraste com a religião do progresso ou a confiança no conhecimento científico.

Recorde-se, antes de mais, a atmosfera sombria da época vitoriana²⁴ que transparece na obra de Charles Dickens, de Thomas Hardy, de Thomas Carlyle, de George Eliot, de Algernon Swin-

²³ Cf. [Affronter l'incertitude](#).

²⁴ Cf. [Victorianweb.Org](#).





burne, de Matthew Arnold, de Joseph Conrad e outros, e ausculte-se nas suas personagens, nos seus temas, no seu enredo, a agonia interior dos espíritos num horizonte metafísico donde Deus está cada vez mais ausente ou onde se assiste mesmo ao seu “funeral”²⁵.

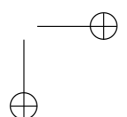
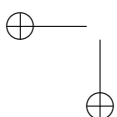
No cenário exterior, na política e no mundo social, o século XIX é um século de revoluções e contra-revoluções, de nacionalismos exacerbados, de grandes esperanças e desilusões, de promessas nunca cumpridas, nem então nem agora; a pobreza do proletariado, a expansão do imperialismo e do colonialismo com o seu cortejo de opressões e a crueldade amoral dos seus agentes – tudo isso contrasta com a esperança posta no avanço da ciência e da técnica, com o desenvolvimento da indústria.

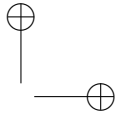
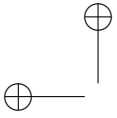
No plano filosófico, o mecanicismo triunfante e a ideologia crescente do naturalismo – que reduz à insignificância o valor do indivíduo – conjugaram-se com a convicção, ínsita em muitos autores, do fim próximo da religião, do afastamento progressivo do “mar da fé”, segundo a sugestão do famoso poema de Matthew Arnold, “Dover Beach”²⁶. E o tema da “guerra da natureza” – tão entalhado no pensamento de Darwin – habita igualmente a literatura romântica europeia (por exemplo em Giacomo Leopardi, Georg Büchner, etc.), ao mesmo tempo que se casa, em certos escritores, filósofos, artistas e músicos, com a visão do panteísmo – mas numa linha de dolorismo e de sofrimento sem redenção possível, a não ser a da arte. Aqui entronca também a proposta de Friedrich Nietzsche – leitor de Darwin – da sua “vontade de poder” como mecanismo fundamental de toda a ordem dos seres.

E seria possível, decerto, aduzir ainda mais pormenores e indicadores culturais de uma atitude espiritual que se implantou no

²⁵ O crítico cultural A. N. Wilson dedica a este período o seu interessante e bem documentado livro, *God's Funeral*, NY/London, W. W. Norton, 1999.

²⁶ O leitor pode inspeccioná-lo neste sítio electrónico: <http://www.victorianweb.org/authors/arnold/writings/doverbeach.html>Victorianweb.Org.





espírito europeu, ao longo do século XIX, e que nunca mais nos largou.

É sobre este pano de fundo que o agnosticismo de Charles Darwin se há-de contemplar. Não brota primariamente da sua ciência, mas aponta para algo mais profundo: o drama espiritual da Europa, que o empapou, como também a nós ainda hoje nos assedia. E é a partir de tal pressuposto que se faz uma certa interpretação das teorias científicas, que não é ciência, mas postura espiritual e filosófica, por exemplo, o mito do conflito entre ciência e religião.

